A Conquista do Oeste/RBS TV: memória e identidade gaúcha na fronteira Oeste brasileira

A Conquista do Oeste*/RBS TV: memory and gaucho identity in the Western border of Brazil*

Priscila Ferreira
Mestranda, PPGH-UFSM
Bolsista Capes
priscila0508@gmail.com

Resumo: Este estudo é referente à memória e a identidade gaúcha na fronteira oeste brasileira, a partir do conteúdo veiculado pelo documentário A Conquista do Oeste, produzido pela RBS TV em 2004. O objetivo é analisar como o documentário A Conquista do Oeste contribui na construção identitária de uma cultura gaúcha além do reforço à mitificação do gaúcho. Para tanto será utilizado um percurso teórico-metodológico que abarca tanto a análise fílmica do produto midiático quanto à revisão bibliográfica acerca da construção identitária e cultural do Estado rio-grandense. Entretanto, o que será apresentado serão considerações preliminares, uma vez que o projeto de pesquisa está em andamento.
Palavras-chave: Memória; Identidade; Cultura Gaúcha; Documentário.

Abstract: This study refers to the memory and gaucho identity in the western border of Brazil, based on the content aired through the documentary A Conquista do Oeste, produced by RBS TV in 2004. Our goal is to evaluate how the documentary contributes for the identity construction of the gaucho *culture while reinforcing its mythification. For this purpose, we will conduct a theoretical and methodological approach covering both the film analysis and literature review regarding the identity and cultural construction of the Rio Grande do Sul state. However, these are only preliminary considerations, since the research is still ongoing.*
Keywords: Memory, Identity, Gaucho *Culture; Documentary.*

Este estudo é referente à memória e à identidade gaúcha na fronteira oeste brasileira, a partir do conteúdo veiculado pela série de documentários *A Conquista do Oeste,* produzido pelo Núcleo de Especiais da RBS TV em 2004. O Núcleo de Especiais da RBS TV existe há dez anos, sendo um exemplo pioneiro no país no sentido de estar voltado a valorização do conteúdo local em televisão.

O Núcleo de Especiais da RBS TV atua tanto na produção de programas seriados como na exibição de materiais produzidos por produtoras locais que apresentam projetos ou são convidadas pelo Núcleo de Especiais[1]. Nesse sentido, o objetivo do projeto de pesquisa é

[1] PETRIM, Gilberto. 10 anos regionais, de olho no mundo. In: DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lilia Dias de. Núcleo de Especiais RBS TV: ficção e documentário regional. Porto Alegre; Sulina, 2009, p.22.

analisar como a série documental *A conquista do Oeste* contribui na construção identitária de uma cultura gaúcha além do reforço à mitificação do gaúcho.

Como objetivos específicos, pretendemos identificar quais são os traços mais evidenciados da cultura gaúcha no conteúdo desse produto midiático, averiguando as marcas de integração cultural entre os Estados. Além disso, identificar as possíveis lutas de representação cultural no conteúdo veiculado e avaliar a importância político-cultural desta produção nas regiões. Por fim, verificar quais são os elementos selecionados para a construção da memória e da identidade gaúcha no documentário.

Para tanto, utilizaremos um percurso teórico-metodológico que abarca tanto a análise fílmica do produto midiático quanto a revisão bibliográfica acerca da construção identitária e cultural do Estado rio-grandense. Ressaltamos que o que será apresentado neste trabalho serão considerações preliminares, uma vez que o projeto de pesquisa está em andamento.

A problemática da pesquisa abrange a história do Rio Grande do Sul com seu passado em volto de guerras e revoluções, importando ressaltar que esta proposta de pesquisa está centrada na construção do "mito" do gaúcho e sua configuração na formação identitária do Estado rio-grandense a partir do documentário produzido pela RBS TV.

Assim, o que nos importa é levantar as seguintes problematizações: como o documentário contribui para a construção de uma memória e de uma identidade do gaúcho migrante na fronteira oeste brasileira? E ainda, porque, em pleno século XXI, uma emissora televisiva regional produz um documentário que reforça uma identidade tradicionalista - ligada ao Movimento Tradicionalista do Estado - e que mitifica ainda mais esse gaúcho heroico e mítico? Como esse discurso atual está selecionando essa memória e representando essa identidade gaúcha?

O aporte teórico que utilizaremos transcorre nos conceitos de *memória*, *identidade* e *documentário*. Como memória, entendemos, num primeiro momento, que ela significa a capacidade de lembrar e recordar algo do passado[2]. Neste caso, fica evidente que além de lembrar e de recordar o passado, a memória pode servir como meio de reconstrução histórica

Segundo Gilberto Petrim, no casso em que as produções são feitas por produtoras convidadas ou que apresente projeto, a RBS TV financia a produção que é gerida pela empresa que vai realizar o trabalho. Sendo assim, ele ressalta que todas as produções que vão ao ar estão vinculadas diretamente ao Núcleo de Especiais, artisticamente ou nos aspectos de produção.

[2] Ainda segundo o dicionário, memória significa também dispositivo que pode receber consertar e restituir dados, além de ser relato escrito que alguém faz de acontecimentos históricos vividos por si mesmo ou sobre sua própria vida. Partimos dos depoimentos coletados pelo documentário *A Conquista do Oeste* para tentar compreender como ocorre a representação do migrante gaúcho na fronteira oeste do Paraná.

dos fatos passados.

Para o historiador francês Jacques Le Goff (2004) a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Segundo o autor, o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente ao qual a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento.

Desta forma, a memória social estaria inteiramente e naturalmente presente nos arquivos das mídias. O autor ressalta ainda que a memória não é simplesmente o passado ou um reflexo do passado, mas uma construção constante influenciado pelas identidades existentes no presente e pelas práticas sociais. Cabe destacar também, que na construção de uma identidade, a memória aparece como fator fundante desta construção seja ela individual ou coletiva.

Nos seus estudos, Maurice Halbwachs (1990) adverte de que a memória deve ser entendida como um fenômeno sujeito a modificações e construído a partir da coletividade. Este trabalho é sobre representação. Segundo Roger Chartier (1990), para se relacionar com o mundo real cada cultura constrói, a partir das práticas sociais, representações as quais acabam orientando as práticas sociais.

As representações são, portanto, a forma de conhecimento da realidade que cada sociedade constrói e reelabora através de lutas de representação. Desta forma, como explicita Bourdieu (1989), as diversas representações convergem e divergem em um mesmo tempo e espaço, sendo que o imaginário social torna-se um campo de lutas entre estas representações. Assim, para a compreensão do real há um processo de significação e associação com símbolos já existentes no imaginário daquele grupo, sendo o desconhecido pensado a partir de símbolos já conhecidos.

Já para Chartier (1990) as representações não são ingênuas e neutras, sendo que elas (as representações) quando construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Nesse caso, as representações que constituem o imaginário social se baseiam em elementos da realidade concreta, dando significado a partir dos desejos e necessidades conscientes e inconscientes dos grupos envolvidos.

Esta é uma pesquisa sobre identidade. O conceito de identidade traz em si, inúmeras

possibilidades de compreensão. Para Zygmunt Bauman (2005), o fato de estarmos na época líquido-moderna, onde o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados às identidades *flutuam no ar* sendo algumas de nossa própria escolha e outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta.

O autor atenta para a ideia de que a identidade nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o "deve" e o "é". Nesse sentido, falar de identidade pressupõe para o autor um campo de batalha, onde a identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluta a ser devorado.

Para Manuel Castells (1999), a identidade é a fonte de significado e experiência de um povo. Sendo que a identidade é o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados os quais prevalecem sobre outras fontes de significado. Desta forma, um indivíduo ou um ator coletivo pode ter identidades múltiplas.

O autor ressalta que essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social. Nesse sentido é necessário estabelecer a distinção entre a identidade e os papéis sociais. Por papéis entende-se como normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade.

A importância relativa desses papéis no ato de influenciar o comportamento das pessoas depende de negociações e acordos entre os indivíduos e essas instituições e organizações. Já as identidades, constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individualização.

Embora as identidades possam ser formadas a partir de instituições dominantes, como afirmou o autor anteriormente, somente assumem tal condição quando e se os atores sociais as internalizam, construindo seu significado com base nessa internalização. Contudo, para o autor, a construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso.

Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social e na sua visão de tempo/espaço. Todavia, para Stuart Hall (2005, p.10) é possível destacar concepções de identidades ligadas ao sujeito

através de três momentos: o sujeito do iluminismo visto como tendo uma "identidade fixa e estável, uma vez que este indivíduo caracterizava-se por ser uno e dotado de capacidade de razão".

Já na concepção sociológica clássica, o autor fala que o homem tinha a construção de sua identidade calcada na interação entre ele e a sociedade em que vive. Desta forma, sobressaía-se a consciência de que o indivíduo não era completamente autônomo ou autossuficiente e, portanto, levado a interagir com o mundo que o cercava sendo modificado e o modificando.

Na terceira concepção de identidade, é apresentado o homem pós-moderno que vive numa sociedade fragmentada, que é levado a absorver os elementos vivenciados em seu contexto e a projetá-los na construção de suas identidades culturais. Diferente dos outros contextos "o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ou redor de um eu coerente" (HALL, 2005, p.13). Neste sentido, a identidade pode ser entendida como auto-representação e construída em relação à representação dos outros, da alteridade.

Este estudo é sobre documentário. O conceito de documentário apresenta uma fronteira difícil de definição imediata sendo por muito tempo uma narrativa negada pelos seus críticos.

A falta de conceitos específicos para sua conceituação provocou dificuldades no desenvolvimento de metodologias de análise, comprometendo a produção não ficcional. Primeiramente, ao tratarmos aqui de documentário, estamos nos referindo às produções não ficcionais.

Segundo Bill Nichols (2005) todo filme é um documentário, mesmo a mais extravagante das ficções evidencia a cultura que a produziu e reproduz a aparência das pessoas que fazem parte dela. Nesse caso, podemos classificar que existem dois tipos de filme: os documentários de satisfação de desejos e os documentários de representação social.

Cada um conta uma história, mas o que vai diferenciá-los será a narrativa produzida. Dessa forma, o documentário de satisfação de desejos são o que normalmente chamamos de ficção. Para Nichols (2005) esses filmes expressam de forma tangível nossos desejos e sonhos, nossos pesadelos e terrores, tornando concreto o fruto de nossa imaginação.

Normalmente esse tipo de filme expressa o que desejamos (ou tememos) que a realidade seja ou possa vir a ser. Segundo o autor, tais filmes transmitem verdades se assim

desejarmos ou oferece mundos a serem explorados e contemplados; ou ainda podemos apenas nos deliciar com o prazer de passar do mundo que nos cerca para esses outros mundos de possibilidades infinitas.

Em contrapartida, os documentários de representação social são o que chamamos de não ficção e é esse o qual vamos nos referir ao longo do texto e com o qual faremos a associação com a memória. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo ao qual ocupamos e compartilhamos. Ele torna audível e visível à matéria que é feita da realidade social de acordo com a seleção e a organização realizada pelo cineasta.

Para Nichols (2005, p.26) "esses filmes expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser". O autor afirma que esse tipo de filme transmite também verdades, se assim quisermos. Nesse caso, é preciso avaliar as suas reivindicações e afirmações, seus pontos de vista e argumentos relativos ao mundo como conhecemos para que possamos decidir se acreditamos ou não.

Todavia, ao pensar o documentário como fonte de pesquisa histórica, penso que devemos levar em conta que estamos diante de uma obra de arte, que carrega significados, convicções humanas e conteúdo selecionado. Desse modo, segundo Cássio Tomaim (2006, p.04) quando nos debruçamos sobre um filme documentário devemos levar em consideração o tripé de sua identidade: registro *in loco*, criatividade e ponto de vista.

Para o autor, ao lidarmos com o documentário no campo da história é necessário que compreendêssemos que a objetividade e a subjetividade são coincidentes na sistemática do *fazer* cinematográfico. Mas que ao entendermos que o filme é a formação de uma sensibilidade e que se dirige ao espectador pela percepção, nos possibilita ver o documentário como uma interpretação de uma realidade, mas que essa interpretação será a visão de mundo do cineasta.

Entretanto não podemos reduzir o filme documentário a uma mera falsidade ou inverdade como o filme de ficção, devemos analisá-lo no sentido de uma construção, de um fazer artístico que é, ao mesmo tempo, um executar e um inventar dentro de uma objetividade e subjetividade. Quando nos propomos a trabalhar o documentário como fonte, analisamos sob a ótica de que o documentarista ao dirigir sua câmera para uma circunstância ele acaba interferindo na intimidade do *outro* que o reconstrói como um personagem social.

Nesse caso, ao escolhermos isso estamos lidando e tentando compreender a representação do *outro* no cinema. Se o filme é testemunho de algo, se é o encontro do

cineasta com o *outro* e o mundo vivido, vale dizer que o filme documentário é um convite ao espectador a compartilhar de um presente verdadeiro que permite que às vezes o passado cintile "num instante de perigo" (TOMAIM, 2009, p. 60).

Mas ao configurar-se como uma busca de um mundo por meio do encontro com o *outro*, o filme documentário deixa de ser apenas a representação desse *outro* para apresentar (e representar) as dimensões afetivas de um passado. Nesse sentido, o documentário não se restringe apenas a ser uma representação de um mundo ou modo de sociabilidade, mas uma memória dos atores sociais que ali estão.

Já a questão referente à construção identitária do gaúcho é importante vermos que esse discurso vem desde a metade do século XIX e se solidifica no século XX com a criação do primeiro Centro de Tradições Gaúchas, o 35 CTG. Assim, podemos situar que o gaúcho, no século XIX, era tido como um agente social que habitava a região da campanha e que era vinculado à produção pecuária. O termo gaúcho pode ser encontrado tanto na Argentina, no Uruguai, quanto no Brasil – mais especificadamente no estado do Rio Grande do Sul.

A historiografia dos três países reconhece a figura do gaúcho como representante do seu passado histórico e símbolo das suas especificidades nacionais ou regionais. Sendo que na Argentina e no Uruguaia o gaúcho vai se referir a um emblema nacional enquanto que no Brasil, o termo vai se referir a um sujeito regional que é utilizado para construir a identidade do Rio Grande do Sul.

Apesar da existência de uma diversidade interna, tanto a tradição como a historiografia regional rio-grandense tendem a representar seu habitante através de um tipo social: o gaúcho – um sujeito desbravador, trabalhador e conquistador. Desta forma, a construção social da identidade gaúcha faz referência constante a elementos que evocam um passado glorioso, marcado pela vida no campo e em cima de seu cavalo, tendo virilidade e bravura que enfrenta o inimigo e as intempéries da natureza com lealdade e honra.

Como afirma Sandra Pesavento (2002), a construção de uma identidade rio-grandense está ligada ao contexto político, econômico e cultural da Primeira República, onde os intelectuais desta época alinharam seu discurso na valorização do território e da cultura local. Além disso, no instante em que insurgiu o desejo separatista, encontrava-se ali a intenção de defender seu território e demarcá-lo.

Nesse caso, pode-se dizer que foi no decorrer da revolução farroupilha que se criou as condições para forjar uma identidade gaúcha. Mas para que isso ocorresse, foram utilizados

elementos que estavam dispostos no cotidiano rio-grandense como o enaltecimento do território e a sua capacidade de guerrear e conquistar.

Para Rubem Oliven (1984), a construção da identidade gaúcha começa a ser construída aproximadamente no ano de 1868, quando um grupo de intelectuais e escritores funda, em Porto Alegre, o Partenon Literário. Segundo o autor, este grupo era considerado como uma sociedade de letrados e escritores que, através da exaltação da temática regional, tentaram juntar os modelos culturais vigentes na Europa e a visão positivista do governo rio-grandense para escrever suas obras.

Para Oliven (1984), quando ocorreu o início do culto às tradições gaúchas - que perpassava sempre por dois aspectos comuns: a presença do campo e a figura do gaúcho - não existia mais a figura marginal do gaúcho, sendo esta figura transformada ao longo do tempo como o peão da estância. Mas, embora os literatos tenham enaltecido a temática gaúcha, só em 1898, com a criação da primeira agremiação tradicionalista, o Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, é que fortalece a promoção da tradição gaúcha.

A agremiação era voltada para a promoção de festas, desfiles de cavalarianos, palestras e outras atividades ligadas ao culto da tradição. Segundo João Cezimbra Jacques, o fundador do Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, a intenção de fundar a associação surgiu com o objetivo de,

> organizar o quadro das comemorações dos acontecimentos grandiosos de nossa terra [...] Pensamos que esta patriótica agremiação [...] é destinada a manter o cunho de nosso glorioso Estado e consequentemente suas grandiosas tradições integralmente por meio de comemorações regulares dos acontecimentos que tornaram o sul-rio-grandense um povo célebre, diante não só de nossa nacionalidade, como do estrangeiro (JACQUES, João Cezimbra, 1986, p. 56).

Observa-se assim que nesta construção identitária e consequentemente de tradição, a valorização da história local, bem como os problemas de demarcação do seu território favoreceram para a estruturação de uma identidade. Entretanto, esta exaltação sofre restrição quando na década de 1930, o contexto histórico tem alterações significativas, principalmente pelo fato de se tentar construir uma identidade nacional, promovendo o deslocamento do poder no âmbito regional para o nacional.

A partir desse contexto, o ano chave do ressurgimento do entusiasmo e culto às tradições gaúchas ocorre em 1948, quando um grupo de estudantes secundaristas, vindos do

interior do Estado, criam o primeiro Centro de Tradições Gaúchas, o 35 CTG em Porto Alegre. Para Paixão Cortes as motivações que levaram à criação do centro estavam ligadas ao fato de que,

> grande parte da nossa geração, que vivera sua juventude durante a ditadura de Getúlio Vargas, politicamente desconhecia os símbolos oficiais (bandeira, brasão, hino) da terra gaúcha, pois tais elementos haviam sido banidos do ensino escolar, estavam ausentes dos pórticos e papéis timbrados e não figuravam nas cerimônias governamentais do Estado (apud. SOPELSA, 2005, p. 24).

Além disso, é interessante observar que neste período o estrangeirismo estava marcadamente presente no Brasil, havendo uma "invasão" norte-americana à cultura do Rio Grande do Sul. Esse contexto histórico favoreceu para que o grupo buscasse as raízes campeiras - afinal, o tradicionalismo gaúcho está calcado ao peão da estância que geograficamente está localizado na região da Campanha - e as tradições perdidas entre estes dois momentos.

Todavia, ao falar sobre regionalismo, e neste caso o regionalismo gaúcho, Oliven (2006, 52) observa que

> o regionalismo aponta para as diferenças que existem entre regiões e utiliza essas diferenças na construção de identidades próprias. Mas, assim como o nacionalismo, o regionalismo também abarca diferentes facetas, expressando frequentemente posições de grupos bastante distintos, contendo desde reivindicações populares até os interesses disfarçados das classes dominantes.

Neste sentido, podemos relacionar que essas facetas de reivindicações vão ocorrer nos espaços ocupados pelos migrantes gaúchos que buscando novos campos ou o melhoramento da sua condição de vida levam consigo os traços que, de certa forma, proporciona uma unidade identitária no Rio Grande do Sul. É evidente que esses migrantes mesmo estando em outro Estado ou localidade ao cultivar elementos constitutivos de sua identidade vão selecionar o que neste local representará a sua identidade ou mesmo, a figura do gaúcho.

Contudo, sugerimos como hipóteses que no documentário a figura do gaúcho como desbravador, trabalhador e conquistador é enaltecida ao longo da produção, sendo que essas três características vão definir a conquista desses gaúchos que migraram para os outros Estados brasileiros. Além disso, fica evidente uma construção narrativa que contempla apenas

as histórias vitoriosas, sem retratar os que, na mesma situação de migrante, não conseguiram prosperar e retornaram novamente ao Estado.

Ainda referente à série documental, consideramos que este documentário está inserido dentro de um *projeto de memória* que o grupo RBS tem para esse gaúcho heroico e mitológico que faz parte da construção identitária do Estado gaúcho e que está diretamente ligado ao Movimento Tradicionalista.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa: Bertrand/Difel, 1989.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARTIER, Roger. A História Cultural. Lisboa: Difel, 1990.

HALBWACHS. Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2006.

JACQUES, João Cezimbra. Assuntos do Rio Grande. Porto Alegre: Erus, 1986.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. 5. ed. São Paulo: Unicamp, 2004.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Campinas/SP: Papirus, 2005.

OLIVEN, Ruben George. A Fabricação do Gaúcho. In: Ciências Sociais Hoje. 1984, p. 57-68.

_____. A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil - nação. 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.

PÊCHEUX, Michel. *Papel da memória*. In: ACHARD, Pierre [et al.]. Papel da memória. Campinas: Pontes, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História do Rio Grande do Sul. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

PETRIM, Gilberto. 10 anos regionais, de olho no mundo. In: DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lilia Dias de. Núcleo de Especiais RBS TV: ficção e documentário regional. Porto Alegre; Sulina, 2009.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: v5,

n.10, p. 200-212, 1992.

SOPELSA, Renata. Aquerenciados em um Novo Rincão: Migrantes e o culto às tradições gaúchas na cidade de Ponta Grosso-PR (1958-1968). Curitiba: 2005. Dissertação apresentada para obter o título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPR.

TOMAIM, Cássio dos Santos. Para repensarmos o lugar do filme documentário ou de não-ficção nos estudos de história e audiovisual. In: III Simpósio Nacional de História Cultural, Florianópolis, ano 12, n. 9, dez 2006.

_____. O documentário como chave para a nossa memória afetiva. In: Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 53-69, jul/dez 2009.